



**Iolita Marques Lira**



Instituto Federal de Alagoas (IFAL)

[iolita@uol.com.br](mailto:iolita@uol.com.br)

**Marinaide Lima de Queiroz Freitas**



Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

[naide12@hotmail.com](mailto:naide12@hotmail.com)

## **CURRÍCULO *PENSADOPRATICADO*: TRAJETÓRIA E DESAFIOS**

### **RESUMO**

Este artigo narra o processo formativo e interdisciplinar do currículo *pensadopracado* do Curso Técnico em Artesanato do Instituto Federal de Alagoas – Campus Maceió, que passou por percurso de “capacitação”, extensão, culminando-se em um curso técnico, que permanece vigente. Essa narração apoia-se na reconstrução da memória (BOSI, 1993) e fundamentou-se em De Certeau (2016), Fazenda (2005), Oliveira (2004;2012), dentre outros pesquisadores. O estudo, possibilitou compreender as redes tecidas de um currículo pensadopracado, construído no cotidiano — e que o referido curso —, constituiu-se em uma contribuição acadêmica à relação design e artesanato, oportunizado pelo Programa Nacional de Integração de Jovens e Adultos (Proeja).

**Palavras-chave:** Educação de jovens e adultos. Educação profissional. Processo formativo.

## ***PRACTICEDTHOUGHT* CURRICULUM: TRAJECTORY AND CHALLENGES**

### **ABSTRACT**

This article narrates the formative and interdisciplinary process of the curriculum thought practiced by the Technical Course in Artisanry at the Federal Institute of Alagoas - Campus Maceió, which went through a "training", extension, culminating in a technical course, which remains until today. This narration is based on the reconstruction of memory (BOSI, 1993) and was based on De Certeau (2016), Fazenda (2005), Oliveira (2004; 2012), among other researchers. The study made it possible to understand the networks woven from a practical thought curriculum, built on a daily basis - and that the referred course - constituted an academic contribution to the relationship between design and artisanship, provided by the National Youth and Adult Integration Program (Proeja).

**Keywords:** Youth and adult education. Professional education.

Formative process.

**Submetido em:** 28/07/2019

**Aceito em:** 05/12/2019

**Publicado em:** 06/04/2020



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n26p500-514>



## I INTRODUÇÃO

Este artigo<sup>1</sup> tem como objetivo narrar o percurso formativo interdisciplinar do Curso Técnico em Artesanato (CTA) do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) — *Campus Maceió* —, contextualizando o cenário de sua elaboração, focando as etapas — cursos de capacitação, extensão e técnico —, e os desafios de sua manutenção. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa de base qualitativa, com o foco na abordagem nos/dos/com o cotidiano (DE CERTEAU, 2016; OLIVEIRA, 2004, 2012), centrando-se no estudo de caso e utilizando-se das memórias (BOSI, 1993), dos seus *pensantespraticantes*<sup>2</sup> — egressa-ex-aluna e professores que participaram de sua formação —, e pelos documentos oficiais, escritos e imagéticos. Esse retorno ao tempo, permitiu-nos desinibilizar iniciativas, mesmo sabendo dos riscos que os dados sofreram por influência do tempo, já que a memória equivale a não passividade (BOSI, 1993).

O percurso metodológico deste estudo, centrado na abordagem nos/dos/com o cotidiano, que evidencia o estudo de caso de uma egressa do Curso Técnico em Artesanato, incluiu: o lócus, a caracterização da turma, os corpora advindos da análise documental do Portfólio, Trabalho de Conclusão de Curso, dentre outros documentos e sessões conversas com a egressa e com sete professores. E teve como quadro teórico utilizado nas interpretações iniciais: Alves (2008, 2013), De Certeau (2008, 2016, 2017) e Ferraço (2008) nas reflexões sobre o cotidiano, Benjamin (2012, 2014) para compreensão das narrativas orais, escritas e principalmente as imagéticas, Bosi (1993, 1994) para o uso da memória como fonte de pesquisa e Ostrower (1999) para entender o processo de aprendizado da criação experienciado pela egressa.

Durante a pesquisa, identificou-se a existência de um currículo *pensado*praticado, considerado como àquele desenvolvido no cotidiano da escola “sempre provisório e, por isso, recriado cotidianamente, de diálogos e enredamentos entre conhecimentos formais [...] e outros conhecimentos aprendidos pelos *praticantespensantes* por meio de outros processos” (OLIVEIRA, 2012, p. 8); e tem como atores principais professores e alunos “[encarnados] em determinados contextos econômicos, sociais, históricos e culturais que se [influenciaram] mutuamente” (FERRAÇO, 2012, p. 110).

Aprendemos, com Ferraço, Perez e Oliveira (2008, p. 16), que no cotidiano a nossa atuação deve ser “[...] no plural, no múltiplo, no dinâmico, no permanente móvel e não aprisionável, seja a vida cotidiana de todo praticante, seja a produção acadêmica”. A opção pela abordagem nos/dos/com cotidiano também nos fez refletir sobre a necessidade de garantir a visibilidade de temas nem sempre recorrentes, nesse caso

---

<sup>1</sup> Esse artigo integrou a comemoração dos dez anos do curso Técnico em Artesanato do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) — campus Maceió, apresentado em junho de 2018, na forma de palestra para o Seminário 10 anos EJA/IFAL do Curso Técnico em Artesanato: trajetória, desafios e perspectivas. É parte da pesquisa de mestrado denominada: *Da cópia à criação no curso Técnico em Artesanato do Ifal: experiências na educação profissional de jovens e adultos*, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas.

<sup>2</sup> Usamos alguns termos juntos, no sentido de demonstrar a não dicotomia entre eles.

específico a Educação de Jovens e Adultos. Nesse sentido, utilizamos a [...] ‘teoria das práticas cotidianas para extrair do seu ruído as maneiras de fazer’ que, majoritárias na vida social, não aparecem muitas vezes, senão a título de ‘resistências’ ou de inércias em relação ao desenvolvimento da produção ‘sociocultural’ (DE CERTEAU, 2012, p. 16).

O contexto da pesquisa foi o Ifal, uma instituição centenária, multicampi e que se caracteriza pela “educação superior, básica e profissional, pluricurricular [...], especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino” (Ifal, 2014, p.2). Fundada em 1909 como Escola de Aprendizes Artífices de Alagoas, em 1968 foi transformada em Escola Técnica Federal de Alagoas (ETFAL), consagrada na oferta de cursos técnicos e em 2000 passa à Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet), quando diferencia-se na oferta de Cursos Superiores de Tecnologia. Em 2008, ano de implantação do curso em foco, a Instituição recebe a denominação de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IF), e amplia sua oferta de ensino às licenciaturas e bacharelados (BONAN, 2010).

O novo perfil institucional possibilitou a implantação do CTA, por meio do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja), idealizado em 2005 e instituído pelo Decreto nº. 5.840, de 13 de julho de 2006, com a proposta de formação integrada à Educação de Jovens e Adultos que envolve da alfabetização à uma habilitação profissional, destinado aos sujeitos que por vários motivos não concluíram o Ensino Médio (PAIVA, 2018) e que trouxeram características plurais e diferenciadas ao *Campus* e a todos os IFs.

A implantação da nova modalidade na instituição, desencadeou vários desafios aos professores *pensantes*praticantes do curso, a exemplo: a necessidade do conhecimento da Educação de Jovens e Adultos (EJA); considerar o processo artesanal já vivido pelos futuros estudantes; a dificuldade da relação entre professores e estudantes no processo *aprendizagem*ensino*aprendizagem*; a integração dos cursos médio e técnico; além do uso das características pertencentes ao Curso Superior de Tecnologia (CST) em *Design* de Interiores como a identidade técnico-humanista, os conhecimentos na área de *design*, suas metodologias e avaliações.

O Ifal historicamente “tem o trabalho como princípio geral da ação educativa” e por missão “a formação histórico-crítica do [sujeito-aluno], instrumentalizando-o para compreender as relações sociais em que vive, inserindo-se nelas, consciente de sua importância no processo de transformação” (IFAL, 2008, p. [11]). Esse perfil característico e, por vezes, contraditório, permitiu *soluções*ações diversas na formação do sujeito aluno, no CTA.

Nesse sentido, um percurso formativo interdisciplinar de um currículo *pensado*praticado no/do/com o cotidiano, que trabalha *prácticateoriaprática* de forma complementar, indissociável e com circularidade do *fazer*pensar, tornou-se indispensável. Partindo da compreensão que a circularidade é “[...] a impossibilidade de [definir-se] onde começa e termina o processo de influências mútuas entre ações

cotidianas, chamadas práticas, e os conhecimentos formais e teóricos [...]” (OLIVEIRA, 2012, p. 9) é um movimento fundamental.

Com essa complexa compreensão da formação de saberes alicerçou-se a proposta curricular do CTA, considerada diferenciada para formação de sujeitos que fazem produtos à mão. Envolve-se no processo: da matéria-prima à comercialização; auxiliados ou não por ferramentas; em tempo integral ou parcial; em grupo ou individualmente; vivem ou não da comercialização dos seus artesanatos. Além de enfrentarem a complexidade das questões no sentido de cada um “ser” esse sujeito: que difere de um artista; que além do manual percebido, tem uma ação intelectual na sua produção; com dificuldades de se inserir profissionalmente; e ter sua valorização reconhecida.

Nesta comunicação optamos por narrar e esclarecer as escolhas de professores *pensantes/praticantes*, que resultaram em *soluções/ações* em dois momentos do curso. O primeiro, quando se posicionaram como educadores, diante de um movimento sócio-político e econômico voltado para o artesanato. E o segundo momento, reflexo do primeiro, narra o processo formativo no CTA, suas características e inovações metodológicas descritas no PPC e nas memórias de seus *praticantes/pensantes* nas sessões conversa<sup>3</sup> durante a pesquisa.

## 2 CURSOS PARA ARTESÃOS

As três versões pelas quais passou o curso para artesãos – “capacitação”, extensão até o formato atual de técnico, foram resultantes da reflexão crítica dos educadores às oportunidades e enredamento de conhecimentos, contextualizados pela relação artesanato e design.

As ações voltadas para o artesanato fizeram-se presentes na década de 1980, na “[...] busca da revitalização do artesanato, [pela] preservação de técnicas produtivas [e] incorporação de novos elementos, formais e/ou técnicos, aos objetos” (BORGES, 2011, p. 45). Articulando-se a isso, o uso de materiais locais, identidade e diversidade, construção de marcas e ações combinadas ao *design*.

Essas ações foram institucionalizadas em 1995, com o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) pelo Decreto nº 1.508, coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). O objetivo inicial era a coordenação e desenvolvimento de atividades para geração de emprego e renda do artesão; com atuação em todo o território nacional. A sua representação nos Estados brasileiros era feita pela Coordenação Estadual do Artesanato (CEA), responsável pelas atividades com o segmento, em ações de apoio às feiras e eventos, para comercialização e cursos de capacitação. Porém, essas ações

---

<sup>3</sup> Autorizado pelo CAAE: 99304818.1.0000.5013.

eram destinadas só e continuam sendo, para àqueles artesãos com registro no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (BRASIL, 1995).

A percepção do artesanato como potencial econômico repercutiu em Alagoas no ano de 2002, quando constituiu-se o Grupo Gestor do Artesanato, criado com o objetivo de alinhar ações e eventos para o artesanato no Estado. A instituição, a época denominada Cefet, foi convidada a integrar a rede nacional para o artesanato, o *Via Design*, no Programa Alagoas *Design*, por meio da sua participação no Grupo Gestor e em 2004, abriga e coordena o Núcleo de Inovação e *Design*. Naquela época, a única Instituição do Estado com oferta de curso na área de *Design* era o Cefet, com o CST em *Design* de Interiores.

Como executor durante um ano, o então Cefet, formalizou uma parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-AL) e outras instituições locais: Banco do Nordeste, Secretaria Executiva de Indústria, Comércio e Serviços do Estado de Alagoas (SEICS), Projeto Cidadão, Associação dos Municípios de Alagoas (AMA), entre outros. Parcerias essas, necessárias para o desenvolvimento de projetos que agregassem valor, melhorassem a qualidade e a competitividade do artesanato (SEBRAE, 2003) e permitindo que o Núcleo Inovador e *Design* realizasse atividades e ações em comunidades de artesãos no interior do Estado, com apoio das prefeituras pertencentes aos municípios de Coruripe e Marechal Deodoro, Associação do Agronegócio de Ovino/Caprino em Alagoas (ANOVIC) e a Fundação Alagoana de Pesquisa, Educação e Cultura (FAPEC)<sup>4</sup>.

Ainda no mesmo ano (2004) em Alagoas, acontece o rompimento da parceria Cefet e Sebrae, ocasionando em 2005 o deslocando físico do Núcleo de Inovação e *Design* para o Artesanato, do então Cefet, para a sede do Sebrae e, conseqüentemente, sob outra coordenação. Ressaltamos que a vivência no Núcleo, deixou experiências importantes na instituição, que refletiram no curso em estudo.

## 2.1 Os cursos de “capacitação” e extensão

Afirmamos, o primeiro passo, ocorreu, ainda em uma reunião do Grupo Gestor, realizada no ano de 2003, com a proposta de um curso piloto para “capacitação” de artesãos, após debate sobre as experiências em ações desenvolvidas nas diversas comunidades assistidas pelo SEBRAE (2003), na relação entre artesãos e *designers*.

As críticas realizadas ao formato de atuação junto aos artesãos, cooperativas e associações, questionavam as ações de intervenção nos produtos que eram executados apenas enquanto havia a

---

<sup>4</sup> Cidades e associação em franco desenvolvimento com demandas para o programa *Via design*, sendo Coruripe e Marechal Deodoro cidades alagoanas com reconhecida produção artesanal e ANOVIC com a expansão de subprodutos do ovinocultura, leite, queijos e derivados. A FAPEC era na época a fundação ligada ao Cefet, hoje extinta.

tutoria, ou seja, sob a tutela dos consultores e o tempo destinado às ações, com visitas técnicas mensais com duração de dois dias, muitas vezes descontínuas (SEBRAE, 2003). Nesse tempo, considerado limitado pelos professores para desenvolvimento das ações, em cada comunidade visitada, o artesão, não dispunha de espaço necessário para envolver-se e tomar para si a continuidade dos produtos.

O encaminhamento para sanar os problemas levantados, centrou-se na realização de um curso de “capacitação regular”, com 400h, duração de 6 meses, com início previsto para 2004, contendo disciplinas de História de Alagoas e do *Design*, Cor, Ergonomia e Produto (SEBRAE, 2003). O objetivo era garantir o tempo para maturação dos conhecimentos, dentro de uma regularidade de encontros, numa perspectiva da educação e por meio da expertise do Cefet, ficando a cargo do Sebrae as questões referentes a negócios. Essa formação não foi implementada ficando apenas seu registro em Atas das reuniões do Grupo. Manteve-se, dessa forma o foco na produtividade e não no sujeito.

A análise documental dos relatórios das consultorias na Tecelagem de Salgado da comunidade de Delmiro Gouveia, Sertão de Alagoas, do Núcleo de Inovação e *Design* para o Artesanato no Cefet, confirmaram, explicitamente, a concentração de ações no produto e na economia, mesmo que esse contexto fosse esclarecedor para os artesãos, não alterava a condição reflexiva e de autonomia do sujeito (CAMPÊLO, 2004; 2005). Essas informações, mesmo com o encerramento da parceria, permitiram um avanço na proposta inicial do curso.

Elaborou-se a partir do projeto anterior, sugerido no Grupo Gestor, a proposta de um curso de extensão denominado Artesanato Consciente, inserido no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), dentro das ações da Coordenação de *Design* com implantação prevista para 2005.2. O referido curso deveria contar com uma oferta de 20 vagas no horário noturno, com carga horária de 300h/a, distribuídas nas seguintes disciplinas: Desenho de Observação; Composição Plástica; Identidade Cultural; História da Arte e do Folclore Alagoano; Produção do Artesanato em Alagoas; Cor no Artesanato; Materiais de Composição; Empreendedorismo e Estratégias de Mercado. O objetivo geral era “contribuir para a capacitação formal dos artesãos, oferecendo subsídios para o entendimento de aspectos culturais locais, estratégias e impactos compositivos e necessidades mercadológicas” (Ifal, 2005).

Considerando a institucionalização do Proeja no Ifal, com o Decreto nº. 5.840, de 13 de julho de 2006, o curso de extensão não chegou a acontecer. Os professores da Coordenação de *Design* entenderam que esse Programa permitia a possibilidade de um novo arranjo, bem mais avançado do que o proposto anteriormente, incluindo o sujeito-artesão no mundo do trabalho de forma assistida.

## 2.2 Enfim o curso técnico

Após todo esse movimento de idas e vindas, adquiriu-se experiências para a elaboração e implantação do Curso de Artesanato Consciente, que inicialmente assumiu a mesma denominação idealizada para extensão e em pouco tempo passou a nominar-se Curso Técnico em Artesanato<sup>5</sup>, acompanhando a nomenclatura do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT), na época em estudo no país. A 1ª edição do catálogo, por meio da Resolução CNE/CEB nº 11/2008 e que se repete nas edições 2ª e 3ª, descreve o perfil do técnico em artesanato, como o sujeito que:

Cria e produz trabalhos manuais, de peças decorativas a utilitárias, com materiais diversos e recursos naturais, explorando a riqueza e o repertório cultural existente, de forma sustentável. Comercializa produtos artesanais no varejo, no atacado e em cooperativas. Identifica oportunidades de agregar valor ao produto e reduzir custos. Seleciona técnicas de utilização dos materiais e design das peças, respeitando o traço cultural da região (BRASIL, 2008, p. 113).

A descrição acima, mesmo publicada posteriormente à implantação do curso, foi atendida em sua totalidade, quando analisado o PPC. O Projeto Pedagógico foi uma construção coletiva dos professores, em aproximadamente dois anos (2006-2007). Para tanto, foram realizados estudos sistemáticos denominados de Encontros Pedagógicos, sob a orientação de profissionais com experiência em EJA. A necessidade de uma nova proposta curricular que atendesse aos sujeitos da EJA que têm as suas especificidades, exigiu estudos dos professores da instituição e contou com um colaborador externo com vivência em artesanato como consta nos registros dos documentos do Ifal.

Os Encontros Pedagógicos funcionaram como uma formação continuada<sup>6</sup> para a implantação de uma nova modalidade - a Educação de Jovens e Adultos (EJA) -, com o ensino médio integrado (Proeja). Formação essa que permitiu um diálogo entre os professores da Coordenadoria de *Design* e professores dos componentes curriculares da formação geral do Ifal, visando a construção da matriz curricular,

Esses momentos de formação contaram com a contribuição de outras instituições de ensino de Alagoas e de outros Estados do Nordeste, a exemplo: "Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (SEED/AL), Instituto Nacional de Educação Profissional (Inepro), Fórum de Educação de Jovens e Adultos, Escola Agrotécnica de Barreiros/PE, Escola Agrotécnica de Satuba/AL, Centro Federal de Educação

<sup>5</sup> Situa-se na Coordenação de *Design* e faz parte do Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos (CNCT), dentro do Eixo Tecnológico de Produção Cultural e *Design* do Ministério da Educação (MEC), que inclui "[...] atividades de criação, desenvolvimento, produção, edição, difusão, conservação e gerenciamento de bens culturais e materiais [...]" (BRASIL, 2014, p.171).

<sup>6</sup> Na formação foram discutidos: a trajetória da EJA no Brasil e suas características específicas; os conceitos básicos da concepção freiriana; orientações metodológicas; o ensino integrado e as experiências em EJA. Como também a leitura e interpretação do Documento Base, da resolução CEB nº. 3, de 26 de junho de 1998, o Parecer CEB nº. 11/2000 que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos, as Referências Curriculares Nacionais de Educação Profissional de Nível Técnico de 2000 – SETEC/MEC da área de design e as Diretrizes Curriculares de Cursos de Nível Técnico na Resolução CNE/CEB nº 04/99 (IFAL, 2006).

Tecnológica de Pernambuco (Cefet/PE), do Rio Grande do Norte (Cefet/RN), de Alagoas (Cefet/AL) e a Universidade Federal de Alagoas (Ufal)” (IFAL, 2006, p.1).

O curso teve e tem por meta contribuir para a formação cidadã dos alunos e explora as possibilidades de ampliação do repertório profissional. A matriz foi distribuída em 06 (seis) semestres de 400h cada um, com um total de 2400h, em três anos, articulando os conhecimentos do Ensino Médio (Núcleo Comum 1.300h) e do Ensino Técnico (Formação Profissional 1100h) para Jovens e Adultos, dentro da prática profissional do artesanato (IFAL, 2008). Foi voltado para artesãos ou pessoas com habilidade artesanal, que não possuem o Ensino Médio ou não o completaram. Em dez anos, o curso formou seis turmas, através de um processo formativo interdisciplinar detalhado a seguir.

### 3 O PROCESSO FORMATIVO

O curso alicerçou-se em duas formações vivenciadas na Instituição. A primeira, na Escola de Aprendizizes Artífices de Alagoas, em 1911, com cursos formando Aprendizizes de Marceneiro, Sapateiro, Serralheiro, Carpinteiro e Funileiro (BONAN, 2010) e a segunda formação, o CST em *Design* de Interiores de 2001. Ambas articulavam artesanato e *design* num processo *ensinoaprendizagem* do aluno enquanto ser consciente da sua existência, das suas ações sociais, além de sentir-se/pensar-se vivenciando “[...] as [suas] aspirações, os [seus] possíveis êxitos e eventuais insucessos [...]” (OSTROWER, 1999, p. 16).

Nesse sentido, teve-se o cuidado para o que alertou De Certeau (2016, p. 169), acerca da transmissão de “valores” de uma cultura que vem de cima, hierárquica “[...] do pai aos filhos; do professor aos alunos; do ministério ou dos funcionários aos administrativos” ou das “relações de poder” (FREIRE, 1983), para não torná-los ‘assujeitados’”.

Optou-se por um currículo praticado na escola, definido por Oliveira (2004) como uma criação cotidiana, uma “prática que envolve todos os saberes e processos interativos de trabalho pedagógico realizado por alunos e professores” (OLIVEIRA, 2004, p. 9), “criadores de currículos” (OLIVEIRA, 2012, p. 8). Desse modo, o grupo de professores fora compreendendo que há vários currículos, formais e não-formais, essenciais para a formação do sujeito; pois ao trazer a vida cotidiana para os currículos, as escolas significam aos alunos e professores, que os processos sociais de aprendizagem nos constituem como sujeitos no mundo (OLIVEIRA, 2004).

A partir dessa perspectiva o currículo do CTA do Ifal foi pensado com a intenção de possibilitar autonomia aos sujeitos artesãos-alunos em suas criações, indo na contramão da relação de dependência artesão e designer. E na sua constituição, propôs pensar os sujeitos em toda sua complexidade, articulando-se psicologia, filosofia, antropologia e sociologia aos saberes práticos artesanais, em uma



discussão sobre a complexidade humana entendida como necessária para que o aluno compreenda o homem em sua atividade profissional.

Os pesquisadores entendem que está na relação social sensível, a interação necessária para compreensão entre os sujeitos *praticantes/pensantes* do curso, sejam eles professores e/ou artesãos-alunos. Para tanto, o professor diz ser preciso “[...] compreender o sujeito na sua multidimensionalidade, é isso que esse curso faz”. Da mesma forma que acha fundamental fortalecer a “relação com Alagoas, com os interiores, com as cidades, [...] levar os alunos a conhecer nossa terra, conhecer nossa cultura, nosso povo” (AAP, 2018). Sempre enfático na defesa do respeito à individualidade dos sujeitos.

Considerando ser um curso inovador, a matriz curricular pensada de forma interdisciplinar: com um eixo integrador; objetivos comuns por semestre a serem alcançados pelos alunos; com base em uma educação problematizada; com postura crítica e ênfase na *prácticateoriaprática*. Para tanto, foi necessária a desconstrução das práticas docentes, assim como, um incansável trabalho coletivo. Trabalho coletivo, que segundo Fazenda (2005, p. 25), referenciando Japiassú e Gusdorf, precisou “[estabelecer] conceitos-chave para facilitar a comunicação entre os membros da equipe, [...] delimitar o problema ou a questão a ser desenvolvida, de repartição de tarefas e de comunicação dos resultados”.

Um exemplo, o professor apresenta como conseguiu superar a aversão sempre presente com a matemática,

— [...] essa forma de trabalhar, dando a possibilidade de integrar a disciplina que é o eixo temático, facilitou bastante, para que eu pudesse dentro das limitações que tinha na matemática, e em alguns tipos de produtos que alguns traziam, eu me envolvesse, no sentido [que a interdisciplinaridade] contribuiu bastante para que eu pudesse trabalhar a disciplina de uma forma, que deixasse [os artesãos-alunos] talvez mais tranquilos e mais satisfeitos [com a matemática] (MAT, 2018).

Isso requereu do grupo de professores a humildade de reconhecer seus limites e sua ignorância quanto ao assunto do outro, e a compreensão que sua ação é parte, tem um tempo e precisa acontecer. Buscou-se, também, romper com “o isolamento [que] retira [dos] professores a possível ajuda de seus pares para a análise das situações problemáticas e, conseqüentemente, as possibilidades de desenvolverem novas dinâmicas” (MARINHO; FREITAS, 2016, p. 164)

A concepção de um curso interdisciplinar no Campus Maceió, já era uma experiência vivida com o Curso Superior de Tecnologia em Design de Interiores, no sentido de evitar que cada um trabalhe o seu conteúdo, suas atividades e avaliação de forma própria. Compreendendo ser possível e incontestável o diálogo efetivo dos professores entre si e deles com os alunos, no caso específico jovens e adultos detentores de saberes.

A matriz do CTA, que mantém as características do CST em Design de Interiores, foi esquematizada, conforme pode-se visualizar, na figura abaixo:

Figura 1 – Esquema geral do percurso na matriz curricular



Fonte: PPC do curso (IFAL, 2008) com organização da autora

Traduz-se acima a proposta da matriz interdisciplinar, com cada semestre tendo um objetivo fim, dentro da formação profissional, artesanato: fundamentação, conhecimentos compositivos básicos para expressar suas ideias; instrumentação, teorias que irão fomentar as ações de produção; identidades culturais, fenomenologia e contextualização histórica, socioeconômica e cultural da região; composição, experimentação e confecção a partir da percepção crítica do meio; produção, execução sistematizada com base em condicionantes socioambientais; e veiculação, coordenar ações de empreendedorismo e de inserção no mercado (IFAL, 2008).

Cada semestre é composto por bases tecnológicas científica, instrumental e técnica, cujas disciplinas possuem funções interdisciplinares: eixo, os ateliês, coordena as ações do semestre; complementação, atua no produto; argumentação, colabora na reflexão e apresentação discursiva; justificativa, apresenta a opção adotada; e ampliação, pensa outros caminhos possíveis.

É importante ressaltar que o curso herdou do Curso Superior de Tecnologia em *Design* de Interiores o atelier como disciplina norteadora do semestre e as demais de suporte, trabalha com dois professores em sala, um técnico e outro humanista, que inicialmente provocou um conflito, na gestão do Ifal, no cálculo direto da relação professor/aluno. Conflito que demorou a ser resolvido até a direção entender como um ganho, na troca de saberes, a relação da *teoriaprática* e na relação sistêmica de conhecimentos.

A egressa descreve de forma muito peculiar o Atelier, dando inclusive um perfil aos professores que compõem o componente curricular.

[...] Assim, eu estranhei né, porque você não tem dois professores em uma sala. Mas [...] era interessante para mim, porque para mim, sempre tinha o mais duro e o mais maleável, eu acho que tendo que colocar um duro o aluno não vai, [...], é [...], então, para mim tinha essa situação assim: que tinha aquele professor muito duro, então era bom de cobrança, mas também tinha o maleável, que assim, nos dava tranquilidade, pra fazer, pra caminhar (EGRESSA, 2019).

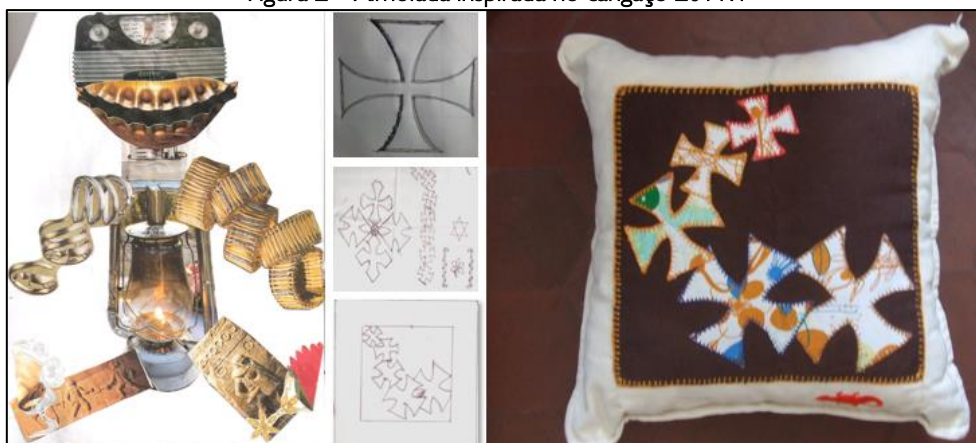
A artesã-ex-aluna também observa que o resultado da união “teoria com a prática, é fantástico”. E descreve, — “o que é bom do IFAL é que você já entra com teoria e prática, e isso favorece para gente, porque eu estou vendo uma coisa aqui na teoria, que eu estou praticando ao mesmo tempo” (EGRESSA, 2019). A observação está ligada aos dois professores em sala de formação distinta e a relação do Atelier com os demais componentes curriculares do semestre.

A proposta metodológica projetual do curso propõe recuperar os saberes/fazeres que estão dentro/fora da instituição e contextualizá-los por meio da apropriação das expressões culturais; respeito às diversidades; reflexão sobre a cultura do Estado, como forma de construção da autoestima; e realização do processo de projeto, pela manipulação, experimentação e aplicação de métodos de criação. Isso repercutiu nas fases do processo e estratégias de aprendizagem/sinoaprendizagem utilizadas na área de design do CST que foram e permanecessem sendo influenciadas pela área de artesanato do CT.

O CTA utilizava/utiliza o método de criação cujo processo com técnicas e ferramentas projetuais, segue em todo o curso, apenas, mudando sua complexidade ao longo do percurso. E como currículo pensado/praticado com o cotidiano é recriado todos os dias, entre os diálogos e enredamento de saberes/fazeres dos novos sujeitos e contextos de vida.

Partia-se de um tema ou inspiração proposto que normalmente envolvia a cultura nordestina e alagoana ou que fosse referência de algo em estudo ou um indivíduo (o eu e o outro). Após a pesquisa sobre o tema, os alunos eram provocados a fazerem associação de ideias para compor um conceito que estabeleça “diretrizes expressivas para o artefato” (SANCHES, 2017, p. 205). A atividade consistia/consiste em refletir sobre o tema e construir um conceito, posteriormente representado por uma imagem construída por “colagem”, formando um painel semântico. O painel consiste em uma “ferramenta baseada na comunicação por meio de metáforas visuais” (SANCHES, 2017, p. 211), onde se extrai o estilo, cores, texturas e a estrutura do produto, e que deve representar o conceito. Após sua conclusão, o aluno inicia a decomposição deste painel, para construir uma nova composição e, posteriormente, transpor para a elaboração do produto. Num processo de idas e vindas colocados por Pazmino (2015) e Ostrower (1999). Ação compositiva que podem ser observadas na figura abaixo:

Figura 2 – Almofada inspirada no cangaço 2011.1



Fonte: arquivo pesquisadora, 2011.

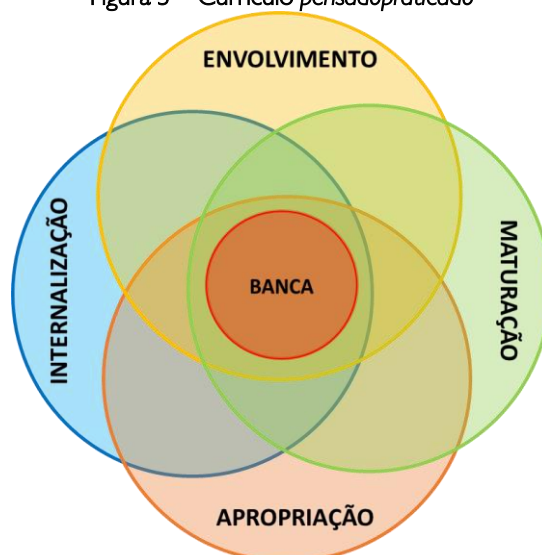
O uso desse processo nem sempre foi de fácil aceitação pelos artesãos-alunos: havia os que resistiam; os que usavam táticas e tentavam burlar as atividades, com encomendas, a outros artesãos de fora do curso, produtos a serem apresentados para avaliação; os que ignoravam as solicitações dos professores como algo sem resultado real; os que não compreendiam; àqueles que tiram o melhor proveito do processo experimentado e descobrem nele uma forma de inovar e criar.

Esta situação é observada no cotidiano do curso e confirmado pelo relato da egressa, ao recordar a metodologia, lembrou que pela primeira vez pensou, “[...] rapaz isso não vai dar em nada. Pode ser que dê em alguma coisa, mas não vai dar em nada”. ai quando a gente começou a fazer o monstro, [...] saíram coisas belíssimas” (EGRESSA, 2019). E sentiu-se desafiada a fazer outros, criar formas, desconstruir.

Outra característica mantida foi a avaliação por banca interdisciplinar com o objetivo de apresentar o produto do semestre a todos os professores e alunos. A banca como uma representação da relação profissional futura com os clientes, para o exercício da argumentação e trabalho da autoestima, além de possibilitar a compreensão da valia do conhecimento partilhado e estabelecimento do trabalho em equipe.

A figura 3 a seguir representa como se dá o processo para cada aluno a partir de seus saberes, cujo percurso dinâmico possibilita vários caminhos e sempre culmina na banca/avaliação realizado para todos professores e alunos.

Figura 3 – Currículo *pensado*praticado



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

A banca é considerada o ápice do processo metodológico, cujo método composto por processos, ferramentas e técnicas possibilita aos artesãos-alunos e seus professores apresentarem o envolvimento que ocorreu no semestre, o amadurecimento alcançado, os saberes que foram sendo apropriados, e o que foi internalizado, e representado no produto. Entendemos que é um momento que permite análise de atributos considerados importantes para os parâmetros projetuais como: a funcionalidade, usabilidade e prazer. Ou seja, seu caráter prático, sensorial, estético-simbólico (SANCHES, 2017, p. 51). É o momento que oportuniza, também, aos demais alunos, desenvolverem o senso crítico individual e comparativo.

Esse currículo resultado do cotidiano não é aleatório “[depende] de normas, conhecimentos e convicções, e também, das possibilidades daqueles que [atuam] e das circunstâncias nas quais estão envolvidos” (OLIVEIRA, 2012, p. 97) e representou e representa para aqueles que retornam aos estudos, a possibilidade de olhar para si e para seus sonhos.

## 4 CONCLUSÃO

Buscamos neste artigo contextualizar a trajetória e os desafios na criação e manutenção do currículo do Curso Técnico em Artesanato do Instituto Federal de Alagoas — *Campus Maceió* —, construído na complexidade da vida cotidiana da instituição e de seus *praticantes* pensantes. E que permitiu que compreendêssemos a construção em fases que demonstraram encontros e desencontros do dia a dia, nesse complexo mundo criativo do artesanato. Assim como, apresentar as “redes” que constituíram a configuração do currículo, como a origem formativa no início da instituição, as experiências assertivas e

inovadoras do Curso Superior de Tecnologia em Design de Interiores e as relações com outras instituições locais e, a partir deles, geraram transformações para a implantação da modalidade, Proeja no Ifal.

O Curso Técnico em Artesanato foi, e ainda é, um desafio tanto para os artesãos-alunos, que interromperam os estudos há anos e voltam adultos ao universo escolar, quanto para os docentes; então desafiados metodologicamente a entrelaçar os conhecimentos do Ensino Médio e do Ensino Técnico para Jovens e Adultos, com a prática artesanal em foco, dentro de um contexto social, econômico e político à época de sua implantação, e um novo que se apresenta. Permanece o desafio de reconstruir a matriz curricular, a partir: da nova Base Nacional Curricular, a Base Conceitual do Artesanato, Reconhecimento da Profissão de Artesão e a Economia Criativa.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas v. 1. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BONAN, Irene. **Da Escola de Aprendiz Artífices ao Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Alagoas (1909-2009)**: cem anos de história do ensino profissionalizante em Alagoas. Maceió: EDUFAL, 2010.

BORGES, Adélia. **Design + artesanato**: o caminho brasileiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. **Psicologia USP**, v. 4, n. 1-2, p. 277-284, 1 jan. 1993. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/34480>. Acesso em: nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos**. 1ª edição. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/52031-catalogo-nacional-de-cursos-tecnicos>. Acesso em: ago. de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos**. 3ª edição. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2014. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=77451-cnct-3a-edicao-pdf-1&category\\_slug=novembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=77451-cnct-3a-edicao-pdf-1&category_slug=novembro-2017-pdf&Itemid=30192). Acesso em: ago. 2018.

CAMPÊLO, Hermes. **Relatório de Consultoria**: em design para o artesanato, Tecelagem de Salgado (I). Maceió: 2004.

CAMPÊLO, Hermes. **Relatório de Consultoria**: em design para o artesanato, Tecelagem de Salgado (II). Maceió: 2005.

DE CERTEAU, Michel. **A cultura do plural**. Campinas: Papyrus, 2016.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papyrus, 2005.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

IFAL. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALAGOAS. **Plano de desenvolvimento Institucional** (2005 – 2009). Maceió: IFAL, 2005.

IFAL. **Atas reuniões pedagógicas**. Maceió: IFAL, 2006.

IFAL. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALAGOAS. **Plano Pedagógico do Curso Técnico em Artesanato**. Maceió: IFAL, 2008.

IFAL. ESTATUTO do IFAL. Aprovado pela Resolução n.º 11, de 22/09/2009 – **DOU 25/10/2009**, Art. 1º, § 2º. Maceió: IFAL, 2009.

IFAL. Normas de Organização Didática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas. **Resolução nº 32, de 8 de outubro de 2014**. Cap. I, Art. 1º, § 1º. Maceió: IFAL, 2014.

MARINHO, Paulo; FREITAS, Marinaide. Cultura organizacional escolar e profissional docente: contributos teórico-epistemológicos. In: LOPES, Denise; OLIVEIRA, Inês; FREITAS, Marinaide. **Educação continuada, currículo e práticas culturais**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2016.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. As artes do currículo. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.). **Alternativas emancipatórias em currículo**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 9-25.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PAIVA, Jane. Uma arqueologia da memória. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Orientações Curriculares: para a educação de jovens, adultos e idosos (EJA)**. Maceió: Editora Viva, 2018. p. 45-77.

PAZMINO, Ana Verônica. **Como se cria: 40 métodos para design de produtos**. São Paulo: Ed. Blücher, 2015.

SANCHES, Maria Celeste de F. **Moda e projeto: estratégias metodológicas em design**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

SEBRAE. Ata de Reunião - 28/08/2003. **Reunião do Grupo Gestor do Artesanato**. Maceió, 2003.